



A PERCEPÇÃO DOS DOCENTES SOBRE O TRABALHO NA PANDEMIA DE SARS-COV-2 NO RIO DE JANEIRO¹

Daise Silva dos Santos²

Resumo

Compreender a perspectiva dos docentes em relação às modificações que ocorreram no seu trabalho com a pandemia de SARS-CoV-2 é o principal objetivo desse trabalho. Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva por meio de uma abordagem qualitativa. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário composto por perguntas abertas e fechadas, disponibilizado por link do *Google Forms* em grupos de professores, colegas de trabalho e estudo nas redes sociais. Foram coletadas informações de 22 professores de escolas públicas de educação básica no estado do Rio de Janeiro, nas esferas municipal, estadual ou federal, que atuaram na durante o período da pandemia. A partir dos dados coletados foram elaborados gráficos para algumas questões, além da análise de conteúdo. Com isso, tornou-se possível identificar alguns fatores de realização e/ou (in)satisfação profissional durante o período, o quanto isso impactou no trabalho docente e como a gestão escolar se mobilizou para estimular os docentes.

Palavras-chave: Ensino remoto. Realização profissional. Gestão escolar.

TEACHERS' PERCEPTION OF WORK IN THE SARS-COV-2 PANDEMIC IN RIO DE JANEIRO

Abstract

This article aim to understand the perspective of teachers in relation to the changes that occurred in their work with the SARS-CoV-2 pandemic. As an instrument of data collection it was applied a questionnaire composed of open and closed questions, made available by Google Forms link in groups of teachers, co-workers and study in social networks. Information was collected from 22 teachers of public schools of basic education in the state of Rio de Janeiro, in the municipal, state or federal spheres, who worked during the pandemic period. From the data collected, graphs were elaborated for some questions, in addition to content analysis. With this, it became possible to identify some factors of fulfillment and/or professional (in)satisfaction during the period, how much this impacted on the teaching work, and how the school management was mobilized to stimulate the teachers.

Keywords: Remote teaching. Professional achievement. School management.

PERCEPCIÓN DE LOS DOCENTES SOBRE EL TRABAJO DURANTE LA PANDEMIA DEL SARS-COV-2 EN RÍO DE JANEIRO

Resumen

Comprender la perspectiva de los profesores sobre los cambios ocurridos en su trabajo con la pandemia del SARS-CoV-2 es el objetivo principal de este trabajo. Se trata de una investigación descriptiva con enfoque cualitativo. Como instrumento de recolección de datos se aplicó un cuestionario compuesto por preguntas abiertas y cerradas, disponible a través de un enlace de Google Forms en grupos de docentes, compañeros de trabajo y estudio en redes sociales. Se recopiló información de 22 profesores de escuelas públicas de educación básica del estado de Río de Janeiro, en los niveles municipal, estatal o federal, que trabajaron durante el período de la pandemia. A partir de los datos recopilados, se crearon gráficos para algunas preguntas, además del análisis

¹ Artigo recebido em 31/01/2023. Avaliação em 06/03/2023. Aprovado em 28/03/2023. Publicado em 05/04/2023

² UERJ. E-mail: daisasilva90@gmail.com

de contenido. Con eso, fue posible identificar algunos factores de logro y/o (in)satisfacción profesional durante el período, cuánto impactó esto en el trabajo docente y cómo la gestión escolar se movilizó para estimular a los docentes.

Palabras clave: Enseñanza a distancia. Realización profesional. gestión escolar.

INTRODUÇÃO

Não é novidade que a crise causada pela pandemia de SARS-CoV-2 atingiu fortemente a educação. Segundo a Organização das Nações Unidas, 90% dos estudantes de todo o mundo foram afetados pelo fechamento de escolas e universidades³. As medidas de isolamento social, com a finalidade conter a proliferação do vírus, levaram a suspensão de muitas atividades presenciais, entre elas as escolares. Diante disso, não apenas os alunos foram impactados, mas também o trabalho dos profissionais da educação que sofreram consideráveis mudanças.

Durante o primeiro ano de pandemia, atuei na rede pública municipal como professora efetiva dos anos iniciais do ensino fundamental. No segundo, na rede federal como professora substituta, também em classes de anos iniciais do ensino fundamental. Esta foi uma grande mudança que interferiu não apenas em minha vida financeira e carga horária de trabalho, mas principalmente em como me senti em relação ao trabalho. Seja pelo bom relacionamento com a equipe, a segurança proporcionada durante a crise sanitária, entre outros fatores, vi minha satisfação repercutir favoravelmente nas atividades desenvolvidas, as quais realizei com mais disposição e criatividade.

Após a leitura de um artigo intitulado “Porque alguns fazem um bom trabalho, enquanto outros apenas trabalham”⁴, publicado no portal Porvir, no qual era apresentado uma pesquisa da escola de educação da Universidade Harvard (EUA) que busca entender por que algumas pessoas não desenvolvem o mesmo nível de qualidade de trabalho que outras,

³ UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19.** Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-contr-o-aumento>.

⁴ ALVAREZ, Luciana. Porque alguns fazem um bom trabalho, enquanto outros apenas trabalham. **Porvir: Inovações em Educação**, 18 de out. de 2021. Disponível em: <https://porvir.org>.

surgiram-me questionamentos quanto a razão para em meio a pandemia eu estar tão satisfeita com minha atividade. O artigo aponta essa qualidade seria determinada pelo alinhamento do grupo, ou seja, os envolvidos terem visões e objetivos comuns estaria relacionado com o desempenho no trabalho.

Passei a questionar: Como as mudanças no trabalho durante a pandemia foram percebidas pelos professores? Esta problemática central desdobra-se outras questões, são elas: Quais foram as maiores mudanças? Quais os possíveis fatores que provocaram (in)satisfação nos docentes na pandemia? Os professores entendem que o período em que as atividades se desenvolveram de modo remoto foi uma experiência favorável? A satisfação ou não repercutiu no desempenho desses profissionais? De que modo o trabalho da gestão escolar contribuiu com os profissionais nesse momento?

Muitos pesquisadores tem se debruçado sobre as condições específicas enfrentadas pela educação no momento de pandemia. Nota-se que muito tem se falado dos impactos da pandemia na aprendizagem dos alunos e a desigualdade evidenciada pelo ensino remoto, mas ainda há muito que ser dito sobre como os professores se sentiram em relação ao trabalho neste período.

Sendo assim, este trabalho dialoga com estudos que tem se debruçado sobre a educação e a docência durante a pandemia, entre os quais, em especial, destaco o estudo desenvolvido por Cipriani, Moreira e Carius (2021) que buscaram analisar os pensamentos, sentimentos, desafios e perspectivas de professores de Juiz de Fora (MG) nesse período a partir da aplicação de um questionário, análise de conteúdo e estatística. Também estabeleço diálogo com Oliveira e Pereira Júnior (2020) à medida que apresentam informações sobre a percepção de professores sobre a indisponibilidade de recursos oferecidos e a carga horária docente de variadas redes no período da pandemia. Por sua vez, o estudo de Lima et al. (2021) contribui com a proposta deste trabalho por investigar a redução da renda e apresentar aspectos relacionados à saúde física e mental dos docentes da educação básica em Minas Gerais durante a pandemia. Outros trabalhos que colaboram no mesmo sentido são os de Alvarenga et al. (2020), que buscou avaliar a percepção da qualidade de vida de professores de escolas públicas e privadas na pandemia, e o de Souza et al. (2021) problematiza mudanças ocorridas no trabalho de professores no contexto de pandemia e a relação com a saúde, porém apenas da rede particular de ensino.

Sendo assim, compreender como os docentes receberam as modificações que ocorreram no seu trabalho com a pandemia de SARS-CoV-2 é o principal objetivo deste

trabalho. Com isso, busquei identificar alguns fatores de realização e/ou (in)satisfação profissional durante o período, o quanto isso impactou no trabalho docente e como a gestão escolar se mobilizou para estimular os docentes.

MATERIAL E MÉTODOS

Para tanto, realizei uma pesquisa de natureza descritiva por meio de uma abordagem qualitativa. Como instrumento de coleta de dados foi aplicado um questionário, por conta da capacidade de atingir um grande e diverso grupo de docentes. Algumas perguntas variaram entre abertas e fechadas para que assim fosse possível identificar os significados e ao mesmo tempo ser de rápido e fácil preenchimento para os professores e possível categorizar algumas respostas. Outras questões foram baseadas na Escala Likert, com 5 itens, buscando analisar a percepção dos professores sobre alguns assuntos (Costa e Costa, 2012).

O público escolhido para aplicação desse questionário foram professores de escolas públicas de educação básica no estado do Rio de Janeiro, nas esferas municipal, estadual ou federal, que atuaram na durante o período da pandemia. O questionário foi disponibilizado por link do *Google Forms* em grupos de professores, colegas de trabalho e estudo nas redes sociais. O preenchimento do questionário se deu na primeira quinzena do mês de fevereiro de 2022, portanto, período em que todas as escolas já haviam retornado, pelo modo parcial, ao ensino presencial.

Foram dirigidas aos docentes dezessete perguntas (apêndice) elaboradas de modo que permitisse traçar o perfil dos entrevistados, sua percepção sobre o trabalho antes e durante a pandemia e quanto à gestão escolar, além de outros aspectos como os impactos financeiros e relacionadas à afastamentos médicos no período. A partir dos dados coletados foram elaborados gráficos para algumas questões, além da análise de seu conteúdo em diálogo com bibliografia levantada sobre o assunto.

Ao todo 22 professores que atuam em escolas públicas do Rio de Janeiro nesse período de pandemia preencheram o formulário. A maior parte desses professores trabalhou durante a pandemia em municípios do estado do Rio de Janeiro em classe de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental (59,1%). Mas há também entre esses os que desempenharam atividade docente na rede estadual do RJ (9,1%) e os demais em mais de uma rede. Bem como há aqueles que atuam em outras etapas da educação básica: um na educação infantil (4,5%),

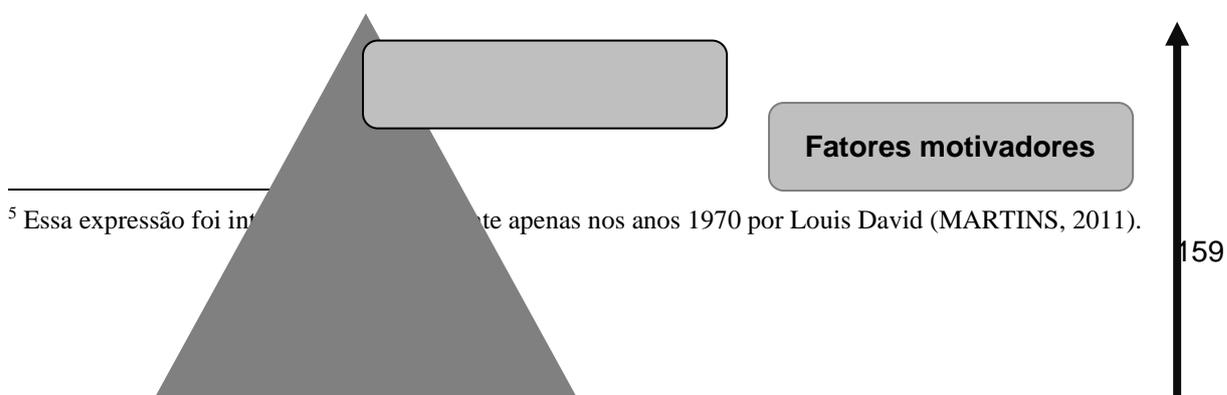
um nos anos finais do ensino fundamental (4,5%), três no ensino médio (13,6%), os demais em mais de uma etapa.

MOTIVAÇÃO PARA O TRABALHO E QUALIDADE DE VIDA

Conforme Martins (2011), apesar da qualidade de vida ser individual e pessoal, envolve o ambiente e relacionamentos com outros indivíduos, portanto, existindo forças externas que interferem no bem-estar das pessoas. Nos anos 1950, dentro do conceito de Qualidade de Vida (QV) surgiu o movimento da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT)⁵. Embora naquele momento o interesse fosse em tornar a vida do trabalhador vislumbrando maior produtividade, desde então muito foi produzido sobre o assunto.

Assim, nos anos 1950, Frederick Herzberg elaborou a Teoria dos Dois Fatores, na qual buscou estudar os fatores que geravam satisfação e insatisfação no trabalho. Segundo ele, existem dois fatores que interferem no desempenho do trabalhador: os chamados motivacionais, que seriam realização, reconhecimento, chances de desenvolvimento, grau de responsabilidade; e os denominados como higiênicos, são as condições de trabalho, salário, ambiente físico, relacionamento profissional. A partir disso, afirma que quando os fatores motivacionais são atendidos aumentam a satisfação e quando não atendido desmotivam. Por sua vez os fatores higiênicos, quando são bem atendidos no trabalho mantém a motivação, contudo, quando não são, eles geram insatisfação.

Pilatti (2012) faz analogia da Teoria dos dois fatores com a Teoria da Necessidade Humana de Maslow para pensar a qualidade de vida no trabalho (Figura 1). Esta teoria, elaborada por Abraham H. Maslow, afirma que há uma escala hierárquica de necessidades humanas na qual os seres humanos empregam esforços para satisfazer primeiramente as de nível mais baixo antes das mais elevadas: fisiológicas, segurança, sociais, estima e auto-realização.



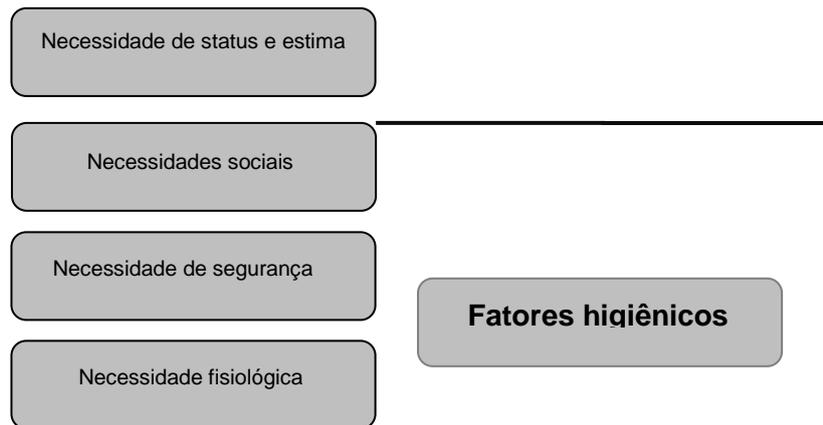


Figura 1. Hierarquia das Necessidades de Maslow e Teoria da motivação-higiene de Herzberg
 Fonte: PILATTI (2012) adaptado de QUEIROZ (1996)

Alvarenga et al. (2020) buscaram investigar a percepção dos professores de rede pública e privada quanto à QV durante a pandemia e os impactos que proporcionaram. Para tanto, aplicou virtualmente o questionário WHOQOL composto por 26 questões subdivididas em quatro domínios: Domínio I – Físico; Domínio II - Psicológico; Domínio III – Relações Sociais e Domínio IV – Meio ambiente. A partir das respostas de 35 voluntários, Alvarenga et al. (2020) identificam níveis baixos da percepção de QV dos professores. Apenas o domínio físico encontrou níveis satisfatórios (70,71 pontos), sendo os demais abaixo dos 70 pontos (índice esperado para países subdesenvolvidos). O domínio das relações sociais foi o que teve menor desempenho (64,52 pontos), o que foi relacionado com o distanciamento social empregado nas políticas públicas de controle da pandemia. Com isso, concluíram que a crise pandêmica contribuiu para a diminuição da QV dos professores.

ANÁLISE DOS DADOS

Para compreender a satisfação dos professores durante a pandemia, nesta pesquisa, uma das questões era “O quanto você se sentia realizado profissionalmente antes da pandemia?”. Buscando assim entender, primeiramente, como esses docentes se sentiam em relação a profissão antes do período. Foram oferecidos aos entrevistados cinco possibilidades de resposta: extremamente satisfeito, satisfeito, indiferente, insatisfeito, muito insatisfeito.

Como é possível visualizar na figura 2, as respostas a essa questão variaram da seguinte forma: um - extremamente satisfeito (4,5%); onze – satisfeito (50%); um – indiferente (4,5%); sete – insatisfeito (31,8%); e dois - muito insatisfeito (9,1%). Demonstrando deste modo que

mais da metade dos entrevistados demonstrava alguma satisfação com a profissão antes do período pandêmico.

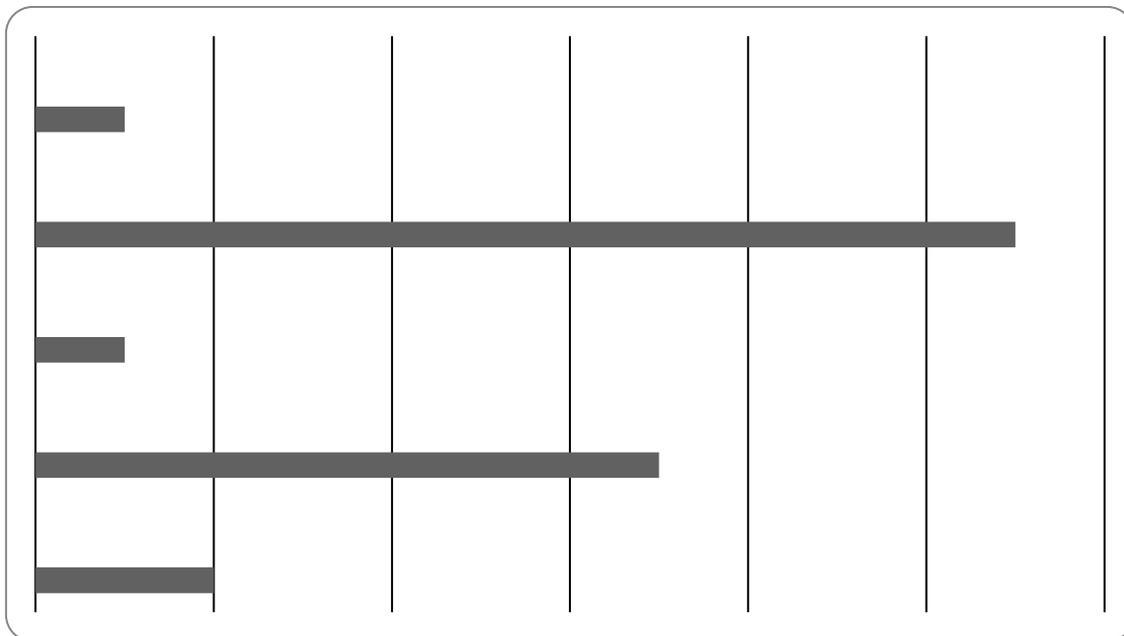


Figura 2. Satisfação profissional antes da pandemia
Fonte: Resultados originais da pesquisa

Quando o mesmo questionamento foi feito, mas agora sobre o período durante a pandemia, conforme pode ser verificado na figura 3, os professores responderam que se sentiam: um - extremamente satisfeito (4,5%); dois - satisfeito (9,1%); três - indiferente (13,6%); nove - insatisfeito (40,9%); e sete - muito insatisfeito (31,8%). Demonstrando assim que o número dos que se consideravam de alguma maneira satisfeitos baixou enquanto o de muito insatisfeitos cresceu significativamente em comparação com o período anterior a pandemia.

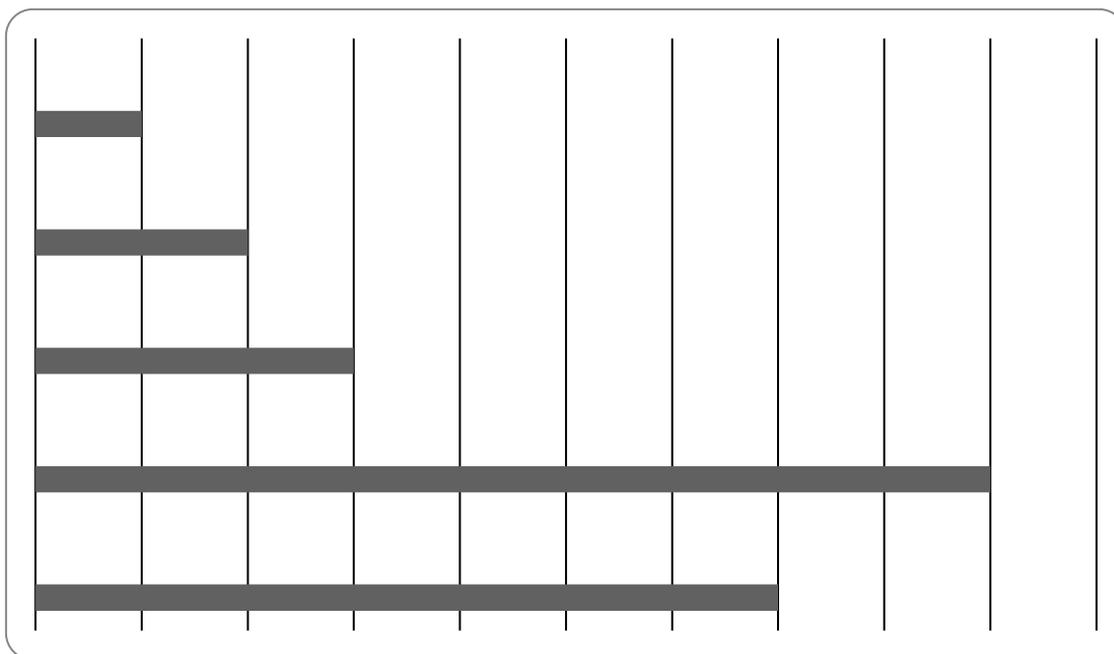


Figura 3. Satisfação durante a pandemia
 Fonte: Resultados originais da pesquisa

Contudo, é preciso considerar o questionário foi aplicado durante o período pandêmico, então quando os professores responderam sobre como se sentiam antes da pandemia estavam se referindo sobre algo que já não vivenciam mais. Talvez se essa mesma pergunta tivesse sido feita antes da pandemia as respostas teriam sido outras.

Foram dirigidas aos professores também questionamentos referentes ao trabalho que desempenharam, para que comparassem esses períodos. Assim, foram indagados quanto à carga horária de trabalho semanal dele, incluindo o trabalho de planejamento e correções realizado em casa. Quanto as respostas sobre a carga horária antes da pandemia, como é possível verificar na figura 4: oito deles trabalhavam mais de 40 horas (36,4%); sete entre 30h e 40 horas (31,8%); quatro entre 25h e 30 horas (18,2%); três entre 16h e 25 horas (13,6%).

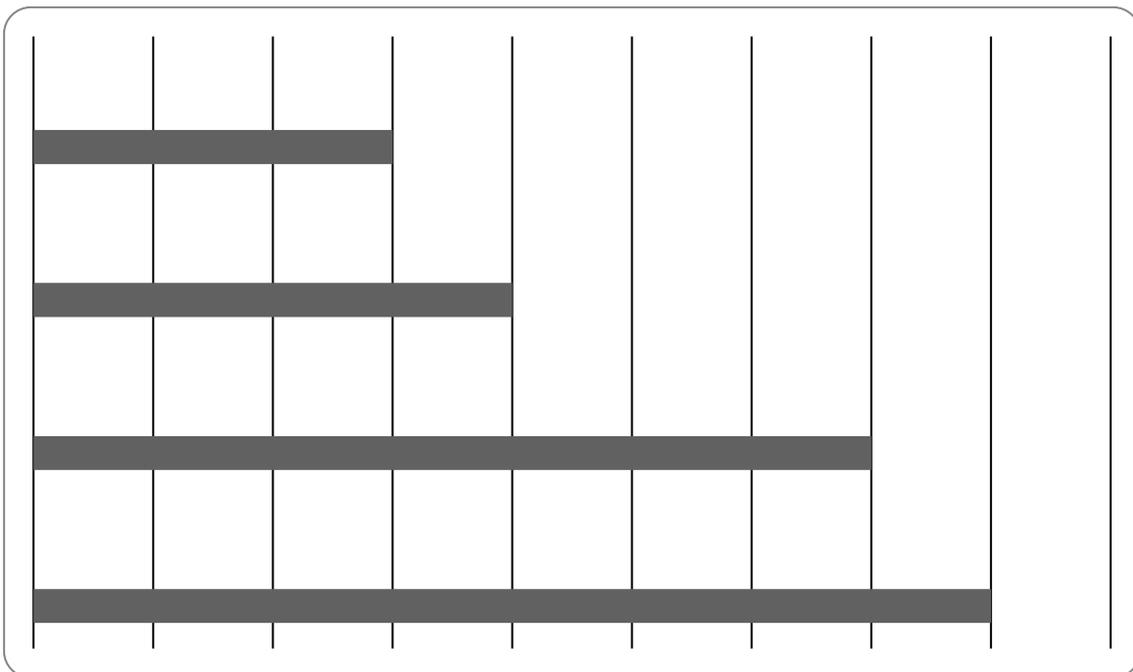


Figura 4. Horas semanais de trabalho antes da pandemia

Fonte: Resultados originais da pesquisa

Por outro lado, quando a questão se voltou para a carga horária semanal de trabalho dos professores durante a pandemia, conforme é possível visualizar na figura 5: dez deles afirmaram trabalhar por mais de 40 horas semanais (45,5%); quatro entre 30 e 40 horas (18,2%); quatro entre 25 e 30 horas (18,2%); quatro entre 16 e 25 horas (18,2%).

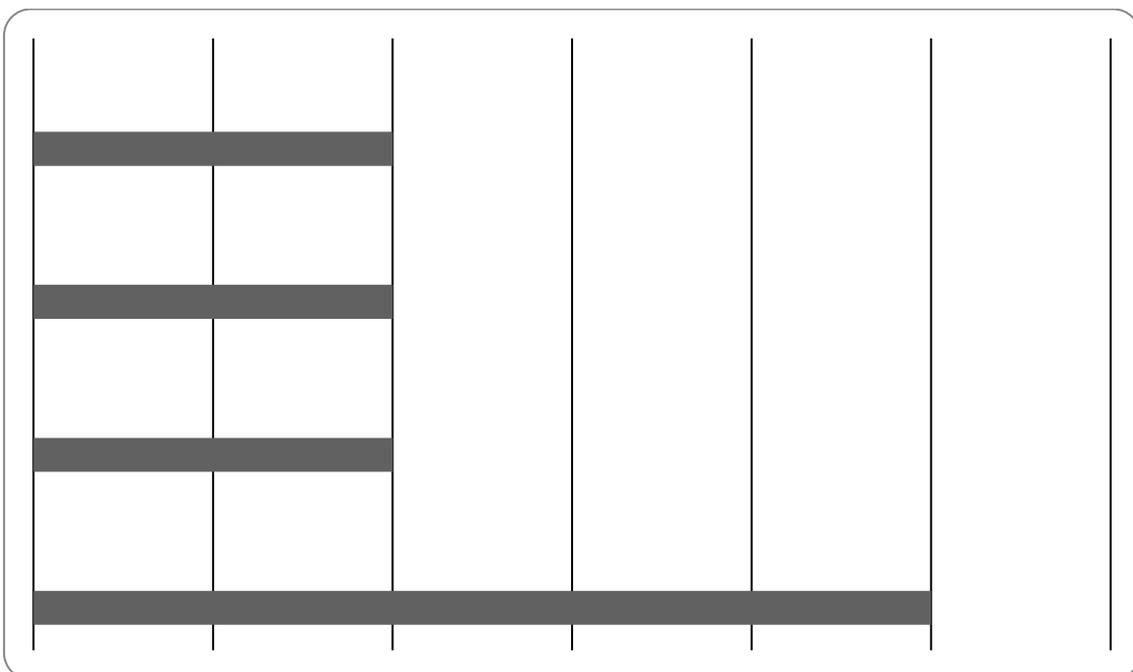


Figura 5. Horas de trabalho semanais durante a pandemia

Fonte: Resultados originais da pesquisa

A carga horária dos entrevistados não parece ter mudado tão significativamente, porém é possível perceber um aumento nos que afirmam estar trabalhando mais de 40 horas semanais e nos que afirmam trabalhar entre 16h e 25h, enquanto há uma redução nos que atuavam entre 30h e 40h. As razões para tal mudança provavelmente variam caso a caso, pois alguns professores possivelmente se consideram trabalhando mais tendo em vista a mudança no trabalho, exigindo mais horas de planejamento, outros por sua vez podem ter reduzido sua carga horária por conta de perda de tempos de aula.

Outra questão dirigida aos docentes buscou compreender a percepção deles sobre a qualidade do trabalho que realizam durante a pandemia. Foram oferecidos cinco possibilidades de resposta a essa questão variando entre muito bom e muito ruim. De acordo com a figura 6, notamos que: quatro avaliaram seu trabalho durante a pandemia como muito bom (18,2%); sete como bom (31,8%); quatro como indiferente (18,2%); quatro como ruim (18,2%), três como muito ruim (13,6%). Ou seja, a maior parte dos profissionais não avaliam mal o trabalho que desenvolveram nesse período, embora tenham considerado nas respostas anteriores um grau de insatisfação aumentado.

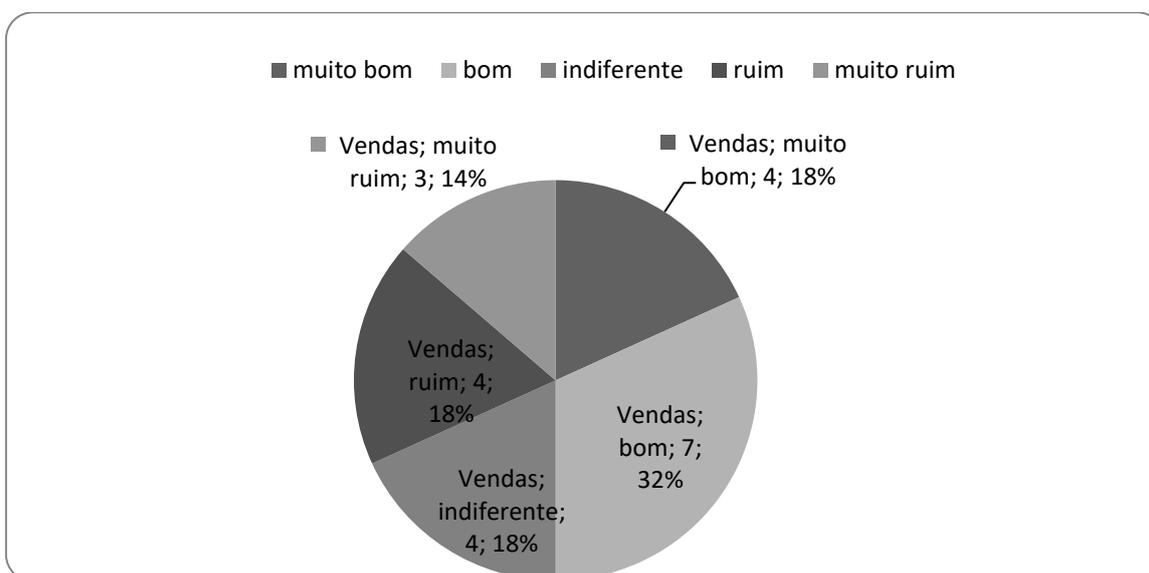


Figura 6. Autoavaliação do trabalho realizado durante a pandemia
 Fonte: Resultados originais da pesquisa

Uma dos questionamentos dirigidos por meio do questionário era “Que fatores você considera que tiveram mais impacto no seu rendimento?”. Nessa questão eles poderiam escrever de modo aberto, tendo em vista ser uma questão discursiva. Foram recorrentes as respostas que atribuíram à falta de acesso dos alunos a internet, de conhecimento dos recursos tecnológicos deles mesmos e dos responsáveis, o baixo retorno das atividades realizadas pelos

alunos, a ausência formação, preocupações quanto a pandemia e saúde dos familiares, pouco ou nenhum planejamento ou apoio para enfrentar esse novo momento.

É necessário considerar, conforme Oliveira e Pereira Júnior (2020), que a pandemia demandou medidas emergenciais de distanciamento social e alternativas de atividades remotas para o desenvolvimento das atividades das quais os sistemas de ensino não estavam preparados de imediato. Considerando também a grande desigualdade social no Brasil que impacta não apenas na distribuição de renda, mas também na oferta de educação, na qual as escolas dos mais pobres possuem condições estruturais mais precárias em comparação com as de renda mais elevada. Desse modo, o ensino remoto não foi o mesmo para todo, refletindo a desigualdade no país em termos de acesso a recursos tecnológicos, apoio pedagógico, nutrição, entre outros (Oliveira e Pereira Júnior, 2020). Tendo em vista essa realidade, não surpreende que a falta de acesso, retorno ou conhecimento tecnológico para a realização do ensino remoto tenha sido considerado como um fator de impacto no rendimento apontado pelos professores. Até porque os professores entrevistados atuavam em escolas públicas.

Oliveira e Pereira Júnior (2020) identificaram desigualdades regionais em relação ao suporte oferecido pelas redes de ensino durante a pandemia, apontando que as regiões Sul e Sudeste tiveram um suporte institucional maior em relação às tecnologias que as regiões Norte e Nordeste durante a pandemia. Apesar de nos referirmos a professores que atuam no Rio de Janeiro, portanto, na região Sudeste do país, a exclusão digital é bem grande.

Uma das professoras trouxe outras questões, relacionadas às modificações que ocorreram no trabalho. Apontou entre os fatores que afetaram seu rendimento, o acúmulo de tarefas domésticas e de trabalho. Segundo ela, o fato de estar muito ocupada com o cumprimento das tarefas do ensino remoto e, depois, híbrido, que considera bem mais desgastante, não permite que ela consiga, por exemplo, orientar a filha nos estudos. Afirmou ter seu cotidiano invadido por uma quantidade absurda de burocracia, como planilhas, relatório, alterações e desencontros constantes em relação às orientações das regionais de educação.

Assim, como a entrevista referida anteriormente apresentou questões pessoais que interferiram no trabalho, como as tarefas domésticas e a maternidade, outras razões individuais foram apontadas para considerarem um bom rendimento ou não. Uma das professoras afirmou que seu planejamento e profissionalismo que permitiram com que ela realizasse um bom trabalho.

Por outro lado, questões relacionadas à saúde mental e emocional apareceram como uma justificativa de uma das entrevistadas que afirma ter desenvolvido um transtorno de ansiedade nesse período e até chegar ao tratamento adequado não conseguia elaborar novos métodos e técnicas. Se as condições de trabalho dos docentes já eram razão para afastamento médico antes da pandemia (Gasparini et al., 2005), é possível que tenha se agravado durante esse período. Lima et al. (2021) indicam que a mudança socioeconômica e o distanciamento social causaram efeitos psíquicos e psicossociais nas pessoas. Segundo eles, há estudos nos quais foram evidenciados que as pessoas se sentiram com mais frequência isoladas, tristes, deprimidas ou ansiosas. Por fim, apontam a necessidade de assegurar condições emocionais e a adaptação psicológica para promoção da saúde destes trabalhadores.

Do mesmo modo, Cipriani, Moreira e Carius (2021) também alertaram para a necessidade de atenção e cuidados com a saúde dos professores durante a pandemia de Covid-19, por conta da grande frequência com que termos que revelam medo, desconforto, insegurança, confusão, impotência apareceram em sua pesquisa. Lembram que há associação forte entre níveis de insatisfação com o trabalho e doenças como Burnout⁶, baixa autoestima, ansiedade e depressão.

Quando indagados sobre a necessidade de afastamento por razões de saúde durante a pandemia, oito professores afirmaram que necessitaram de afastamento, sendo dois por conta da Covid-19 ou suspeita; duas por licença maternidade; um em decorrência de comorbidade, amparado pela legislação; e três não especificaram o porquê.

Diante da questão “Caso pudesse mudar algo em seu trabalho nesse período, o que seria?”, também aberta para respostas dos professores, mais de uma vez aparecem afirmações de que se pudesse mudar algo seria terem se cobrado menos em relação ao trabalho realizado com os alunos, assim como, demonstram que gostariam que houvesse acesso a computador e internet para todos. Mas apareceu repetidas vezes a alegação de que não era possível fazer melhor com as condições que lhes foram impostas.

Os recursos tecnológicos apareceram também quando os professores foram questionados sobre mudanças que consideram positivas e negativas no trabalho desenvolvido. A maioria dos docentes entendeu como positiva a utilização de tecnologias como alternativas ao fechamento das escolas, pois proporcionou segurança em um momento tão difícil, bem como o desafio de aprenderem a usá-las e produzirem conteúdos e materiais para as aulas. Cinco professores (22,7%) consideraram que não houve nenhum ponto positivo nas mudanças

⁶ Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio psíquico é causada pelo trabalho desgastante e afeta frequentemente classes profissionais como a dos professores.

que ocorreram no trabalho. Nota-se que alguns afirmaram que as mudanças lhes concederam melhores condições de trabalho, pois com o retorno ao presencial de modo híbrido, as turmas tiveram que ser reduzidas. Houve também uma resposta que apontou como positivo o fato de os responsáveis terem que atuar de modo mais ativo no processo de escolarização das crianças.

Como aspectos negativos nas mudanças, predominaram respostas sobre a dificuldade de acesso e baixa participação dos alunos nas aulas e entregas de atividades, falta de interação e a dificuldade de avaliar desse modo. Ao contrário de algumas afirmações que viram como positivas a aprendizagem de novas tecnologias, alguns professores encararam como algo ruim, pois afirmaram desconhecimento e falta de formação para utilizá-las. Surgiram também reclamações quanto a indeterminação de um horário para o trabalho, pois por conta dos grupos de WhatsApp, reuniões por vídeo e ligações, o trabalho estava inserido em seu cotidiano em qualquer horário.

Lima et al. (2021) afirma que em 2020, em meio a crise causada pela pandemia, a renda do trabalhador brasileiro caiu e a desigualdade aumentou, esses efeitos foram ainda maiores sobre a parcela mais pobre da população. Diante disso, os professores também foram questionados sobre possíveis impactos financeiros, afinal a renda é um fator importante de ser considerado para compreensão da satisfação profissional. Foi dirigida a seguinte pergunta para os professores: “Sua vida financeira foi impactada de alguma forma com a pandemia? Em caso positivo, como?”.

Seis (27,3%) dos entrevistados responderam que não tiveram impactos financeiros na pandemia. Dentre os demais que identificaram impactos financeiros durante o período de pandemia, curiosamente, quatro deles apontaram que foram impactos positivos, pois gastaram menos com transporte e lazer, portanto, conseguiram economizar nesse período. Por outro lado, os demais apontaram como impactos negativos sobre seu orçamento situações como a perda de aulas extras e de direitos como triênio e regência, falta de reajuste salarial, inflação e ajudando familiares que perderam emprego.

É preciso considerar que, dentre os entrevistados, apenas dois atuam na rede privada e, mesmo esses apontaram trabalhar também na rede pública, sendo assim, possuem pelo menos uma renda estável. Portanto, é provável que os professores entrevistados, financeiramente não tenham sido tão atingidos pela crise econômica durante o período pandêmico em comparação com outras categorias, pelo menos não no que concerne a perda de emprego. Claro que, conforme firma Lima et al. (2021), a renda familiar de professores pode ter sido

comprometida por conta de outros membros da família, que atuam na iniciativa privada, terem sua renda reduzida em decorrência de desemprego ou do Novo Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda (medida provisória n. 1.045/2021), que autorizou a diminuição na jornada de trabalho dos funcionários e redução proporcional do seu salário, além da suspensão temporária do contrato de trabalho e recebimento de auxílio do governo.

As duas últimas questões visavam compreender como os docentes entenderam que foi o trabalho da gestão e como se sentiram em relação a esse. Assim, primeiramente eles deveriam responder “Como tem sido a atuação da gestão escolar da(s) instituição(ões) em que trabalha durante a pandemia?” e, em seguida, “Você se sentiu ouvido e/ou apoiado pela gestão durante esse período pandêmico?”.

Em relação à atuação da gestão, as opiniões divergiram bastante. Alguns afirmaram terem se sentindo ouvidos e/ou apoiados pelos gestores, alguns que isso variou de acordo com as escolas em que atuava. Já quanto a se sentirem ouvidos ou apoiados, oito dos entrevistados disseram que sim, as vezes ou pelo menos na medida do possível, afirmando que se sentiram acolhidos. Um desses alegou que suas diretoras ganharam o seu respeito, pois tem sido muito compreensivas, entendendo bem a realidade e que foram muito sensatas. Em contra partida, as demais avaliações da gestão pelos professores nesse período foram negativas, apontando-as como: “ausente”, “confusa”, “capenga”, “inconsistente”, “incoerente”, “inflexível”, “péssima”, “omissa” e “voltada apenas para burocracias”.

Tendo em vista que a gestão escolar, composta geralmente por diretores, coordenadores, orientadores, é um órgão de tomada de decisões na instituição de ensino e que seus objetivos varia de acordo com o tipo de gestão adotado (Giordano, 2021), entendemos a variação nas respostas dos docentes. Contudo, cabe o questionamento sobre como foram tomadas as decisões nas instituições nos casos em que os docentes apresentaram insatisfações. Afinal, a gestão escolar é um princípio previsto na Constituição Federal de 1988 e em outros dispositivos legais posteriores.

Retomo ao artigo do portal Porvir, que me inspirou na elaboração deste trabalho, com o título “Porque alguns fazem um bom trabalho, enquanto outros apenas trabalham”, no qual é afirmado que o que garante um bom trabalho é o alinhamento de visões e objetivos. Este seria um grande desafio hoje para a educação, por conta do desalinhamento entre o que os professores, os alunos, família, poder público e sociedade esperam da escola e que com a

pandemia foi agravada⁷. Considerando o papel mediador da gestão escolar, esses desempenham uma função primordial para a concordância e participação do grupo.

Giordano (2021), contudo, destaca alguns problemas quanto à definição de uma identidade e função a ser desempenhada pelos gestores escolares, o que sempre demandou complexas e variadas tarefas, situação que foi dificultada ainda mais com a pandemia. A autora afirma que esses tiveram que lidar com reorganização das atividades e do calendário escolar, além das situações de doença e desemprego na comunidade escolar e na própria família. As incertezas, ausência de consenso nas informações governamentais, decretos, normas e orientações específicas para esse momento causaram mais dúvidas sobre a organização e desenvolvimento do trabalho na escola (Giordano, 2021).

Não por acaso que foram respostas recorrentes dos professores no questionário reclamações como a ausência de vínculos com professores, comunicação estabelecida por grupos de WhatsApp, bem como insatisfações quanto ao fato dessas atenderem interesses políticos apenas, deixando de lado os professores e alunos. Alguns não deixaram de apontar as tentativas dos gestores, afirmando que tem sido sensata, compreensiva, acolhedora. Porém, aparentemente a sensação de que estiveram todos perdidos foi generalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No período da pandemia algumas necessidades como a segurança e relações sociais se viram comprometidas, em decorrência das questões sanitárias, da crise econômica, do isolamento social, da incerteza quanto ao futuro, entre outros. Os professores não ficaram isentos nesse contexto, adicionaram-se a isso as novas dificuldades que surgiram em decorrência do trabalho remoto.

Com isso, o nível de satisfação com o trabalho alegados por eles antes e durante a pandemia sofreu alterações significativas. Apesar do aumento da insatisfação, a maior parte dos professores avaliou bem o trabalho que realizaram e, quando questionados sobre o que impactou no seu rendimento, consideraram mais fatores externos, como a exclusão digital e as condições de trabalho no período. Outras questões foram trazidas pelos docentes como as relativas à saúde, principalmente, mental.

Quanto à gestão as opiniões variaram, embora tenham predominado aspectos negativos nas respostas, que se consideraram aparentemente mais isolados e abandonados.

⁷ ALVAREZ, Luciana. Porque alguns fazem um bom trabalho, enquanto outros apenas trabalham. **Porvir: Inovações em Educação**, 18 de out. de 2021. Disponível em: <https://porvir.org>.

Dado esse que pode ser justificada por questões anteriores a pandemia que já dificultavam o trabalho da gestão escolar, acrescidas as novas demandas.

Com isso, foi possível observar, mesmo que diante de uma amostra pequena, que a qualidade de vida dos profissionais da educação foi afetada pela pandemia. Velhos problemas parecem ter sido agravados e outros evidenciados. Para a proposta desde trabalho, contudo, não seria viável dar conta de todas as especificidades, mas buscou-se tratar da percepção dos docentes dentro do cenário de pandemia quanto ao seu trabalho.

REFERÊNCIAS

Alvarenga et al. Percepção da qualidade de vida de professores das redes públicas e privadas frente à pandemia do covid-19. 2020. Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida, v.12 (03), p. 01-08. Disponível em: <http://www.cpaqv.org/revista> . Acesso em: 15 nov. 2021.

Alvarez, Luciana. Porque alguns fazem um bom trabalho, enquanto outros apenas trabalham. Porvir: Inovações em Educação, 18 de out. de 2021. https://porvir.org/por-que-alguns-fazem-um-bom-trabalho-enquanto-outros-so-trabalham/?utm_campaign=newsletter_-_231021_-_b2eapdzconexia_-_professores_de_escola_publica&utm_medium=email&utm_source=RD%20Station&fbclid=IwAR0jiI8VBJk-miTTKp_6NAhTr2XHp40BXrf2IIyXcKv3dIFedayAooowayQ. Acesso em: 15 nov. 2021.

Cipriani, Flávia Marcele; Moreira, Flávio Barbosa; Carius, Ana Carolina. 2021. Atuação Docente na Educação Básica em Tempo de Pandemia. Educação & Realidade. v. 46 (02): 1-24. Disponível: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/tqLcF8PZfsBxsfyF3ZKpyM9N/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Costa, M. A. F. da; Costa. M. de F. B da. 2012. O projeto de Pesquisa. In.: Costa, M. A. F. da; Costa. M. de F. B da. Projeto de Pesquisa: entenda e faça. 1ª Ed. Vozes, Petrópolis, RJ, Brasil.

Gasparini, Sandra Maria et al. 2005. O Professor, as Condições de Trabalho e os Efeitos Sobre sua Saúde. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31(02): 189-199. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GdZKH9CHs99Qd3vzY5zfmnw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01/05/2022.

Giordano, D. X. F. 2021. Um olhar sobre o trabalho dos gestores escolares no contexto da pandemia. Educação Básica Online, v.1: 125–133. Disponível em: <https://periodicos.editorialaar.com/index.php/educacaobasicaonline/article/view/15>. Acesso em: 30/04/22.

Lima, Cássio A. et al. 2021. Redução da renda familiar dos professores da educação básica de Minas Gerais na pandemia da Covid-19. Trabalho, Educação e Saúde, v. 19(01):1-14.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/4dWvLDTzfmqNGTL6RcGTZxR/?lang=pt#>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Martins, Márcia Maria da Costa. 2011. Qualidade de vida no trabalho dos docentes da Universidade Federal do Ceará. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará. Centro de Humanidades. Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza, CE, Brasil.

Oliveira, Dalila Andrade; Pereira Júnior, Edmilson Antônio. 2020. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. Revista Retratos da Escola. v. 14 (30): 719-735. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde>. Acesso em: 01/05/22.

Pilatti, Luiz Alberto. 2012. Qualidade de vida no trabalho e teoria dos dois fatores de Herzberg: possibilidades-limites das organizações. Revista Brasileira de Qualidade de Vida. v. 04 (01): 18-24. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbqv/article/view/1195>. Acesso em: 30/04/2022.

Souza, Kátia R. et al. 2021. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. Trabalho, Educação e Saúde. v. 19: 1-14. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/RrndqvwL8b6YSrx6rT5PyFw/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2021.

Unesco. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19. Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-contr-o-aumento>. Acesso em: 15 nov. 2021.